

DOCUMENTAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Ronice Müller de Quadros

Resumo: Este artigo apresenta a proposta de documentação da língua de sinais brasileira (Libras) que está sendo desenvolvida pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Essa documentação da Libras envolve o Inventário da Libras do Estado de Santa Catarina da Região Metropolitana de Florianópolis. Foram desenvolvidos procedimentos que configuram uma metodologia de coleta de dados, registro e transcrição da Libras. Inicialmente apresentar-se-á uma introdução sobre a Libras, bem como uma contextualização das políticas linguísticas relacionadas com essa língua que favorecem o desenvolvimento do Inventário Nacional da Libras. A partir disso, será detalhada a metodologia desenvolvida no Inventário de Libras criado na Região Metropolitana de Florianópolis, no sentido de socializar os resultados com o fim de replicar a proposta para os demais estados do país.

Palavras-chave: Libras, Documentação de línguas, Políticas Linguísticas

Abstract: This paper presents the proposal for documenting Brazilian Sign Language (*Libras*) that we are developing at *Universidade Federal de Santa Catarina*. This documentation of Libras provides an inventory of Libras used in the metropolitan area of Florianópolis in the state of Santa Catarina. Procedures were developed for the methodology of data collection, recording and annotation of Libras. First, we present an introduction about Libras and the related language policies that favor the development of the National Inventory of Libras. After this, we detail the methodology developed for the Inventory of Libras Inventory that we have created at Florianópolis, with the aim of sharing the results, to replicate them across the other states in the country.

Universidade
Federal de Santa
Catarina

A LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

A Libras, língua que é um dos meios de interação social, cultural e científica da comunidade surda brasileira, é uma língua visual-espacial. Os surdos usam a Libras em diferentes contextos interacionais, por exemplo, nas associações de surdos e em pontos de encontros. A Libras não é uma língua associada a uma determinada região geográfica do Brasil, mas espalha-se ao longo do território brasileiro. As associações de surdos existem em várias cidades do país e desde sempre usam estratégias para a concretização dos encontros surdos como formas de perpetuar a sua cultura e a língua (ver mais detalhes em Strobel, 2008).

A Libras acontece no corpo das pessoas que a usam, pois envolve as mãos, a face e o corpo como articuladores que compõem os sinais. É uma língua que se apresenta na modalidade visual-espacial implicando formas de estruturação que se diferenciam das línguas orais-auditivas. Por exemplo, a gramática é estabelecida a partir do uso do espaço a frente do sinalizante, onde os referentes são estabelecidos, as marcações temporais são assinaladas e a noção de definitude se estabelece (Quadros e Karnopp, 2004). A gramática da Libras é organizada nesse espaço de sinalização em que os sinais são apresentados de forma neutra ou marcada indicando aspectos gramaticais específicos.

A Libras é uma das línguas que vem sendo descrita nas últimas décadas entre várias outras línguas de sinais no mundo. É uma língua que começa a ser registrada a partir da criação do Instituto Nacional de Surdos (INES), no século XVII (Campello, 2011). No entanto, foi com o desenvolvimento tecnológico que viabilizou registros das produções em Libras em vídeo que avançamos na sua descrição, embora ainda de forma muito tímida no país (ver por exemplo as primeiras publicações sobre a estrutura da Libras de Brito, 1995; Quadros, 1999 e Quadros e Karnopp, 2004). Esses registros e análises da Libras foram realizados a partir de amostras da Libras que refletem usos bem específicos. A partir de 2014, a Universidade Federal de Santa Catarina passa a disponibilizar um Corpus de Libras com base em diferentes registros que servirá de fonte para várias pesquisas linguísticas e poderá constituir vários documentos de registro para sua difusão.

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E A LIBRAS

As políticas linguísticas estão sendo mapeadas de forma favorável à Libras desde o seu reconhecimento legal por meio da Lei 10.436/2002 e Decreto 5626/2005. Esse reconhecimento resulta dos movimentos sociais surdos que estiveram presentes nas discussões sobre a Libras, bem como das pesquisas que reconheciam os componentes linguísticos que atribuem o *status* de língua à Libras e a várias outras línguas de sinais no mundo (a partir de Stokoe, 1960 no mundo e a partir de Brito, 1995 no Brasil).

A Lei 10.436/2002 passa a ser chamada de Lei de Libras por toda a comunidade surda brasileira. O Decreto 5626/2005 regulamenta essa lei e, nada mais é, que um planejamento linguístico com ações que objetivam a difusão, o *status*, o corpus e a mudança de atitude em relação à Libras. São várias as ações que já foram implementadas, entre elas: (a) a formação de professores de Libras por meio das licenciaturas do Letras Libras que começou a ser oferecida a partir de 2006 pela UFSC; (b) a formação de tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa que começou a ser oferecida a partir da criação do bacharelado no Letras Libras pela UFSC; (c) a formação de professores bilíngues (Libras/Português) para a educação básica que começou a ser ofertada a partir de 2006 pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); (d) a formação de professores de português como segunda língua para surdos que começou a ser oferecida em 2015 pela Universidade de Brasília (UnB). Além desses cursos, foi realizado o Exame ProLibras a partir de 2006, um exame que avalia a fluência na Libras (Quadros, Szeremeta, Costa Ferraro, Furtado e Silva, 2009) e foi instituída a obrigatoriedade da inclusão da Libras na formação de professores (todas as licenciaturas de diferentes áreas de conhecimento) e do curso de fonoaudiologia, implementada a partir de 2006 em várias universidades do país. Com isso, vários professores surdos e professores bilíngues passaram a ter formação a partir de 2006 em diferentes níveis de formação.

O cenário brasileiro em relação aos surdos, sua cultura e sua língua, muda significativamente a partir de 2005, com o Decreto 5.626. Vários surdos passam a integrar os bancos acadêmicos, são professores de Libras nas universidades brasileiras, tornam-se mestres e doutores. Vários profissionais surdos e ouvintes fluentes em Libras passam a contar com formação acadêmica na área de Libras. Isso tem impacto na sociedade brasileira como um todo, configurando ganhos surdos reais, no sentido de uma sociedade mais plurilíngue e multicultural (Quadros, Strobel e Masutti, 2014).

Nesse contexto, a documentação passa a ser muito importante, pois os usos afloram em todo o país com a variação e a criação de novos sinais. Os surdos começam a acessar os bancos escolares e se deparam com a necessidade de criar sinais e compor sua língua com uma riqueza que se prolifera em todo território brasileiro. A Libras é uma língua viva que precisa ser documentada com registros dos mais variados usos de todas as regiões brasileiras.

DOCUMENTAÇÃO DA LIBRAS ENQUANTO POLÍTICA LINGUÍSTICA

As políticas linguísticas incluem o planejamento de corpus, ou seja, o planejamento que resulta do reconhecimento das línguas e objetiva instrumentalizar as línguas para determinados usos, incluindo sua documentação por meio de dados, de gramáticas, de dicionários, de outros materiais (Calvet, 2007; Kaplan & Baldauf, 1997). A documentação apresenta várias funções dentro de um planejamento linguístico de corpus, além da função eminentemente de ordem linguística. Ela serve também como referência para a constituição de um corpus que pode ter diferentes fins.

A documentação da Libras está diretamente relacionada com as funções difusão das línguas e manutenção das línguas (Kaplan & Baldauf, 1997). Estas duas funções estão relacionadas também com a revitalização da Libras, uma vez que essa língua passa a configurar em diferentes espaços dentro da sociedade brasileira, a partir dos desdobramentos das ações previstas no Decreto 5.626, mencionadas acima. Segundo Leite e Quadros (2014), a vitalidade das línguas de sinais nacionais apresenta riscos, uma vez que as línguas de sinais normalmente não são adquiridas no berço familiar, pois a maioria das crianças surdas nascem em famílias ouvintes que as desconhecem. Dessa forma, as crianças surdas, muitas vezes, adquirem a língua de sinais usada em sua comunidade tardiamente (Quadros, 1997; Quadros e Cruz, 2011) e, ainda, quando expostas à língua de sinais, seus interlocutores são usuários não fluentes, por exemplo, intérpretes de Libras e português nas escolas públicas e/ou professores supostamente fluentes na Libras (para mais detalhes sobre as crianças surdas nas escolas ver Lacerda, 2009; Pedroso, 2014).

Assim, a proposta de constituir o Corpus da Libras como parte do Inventário Nacional de Libras com representação nacional começa a tomar

forma. Além dos desdobramentos da Lei de Libras 10.436 e do Decreto 5.626/2005, a Federação Mundial de Surdos incentiva a documentação das línguas de sinais no mundo; várias línguas de sinais passam a ser documentadas em diferentes países (Língua de Sinais Australiana, Língua de Sinais Britânica, Língua de Sinais Alemã, Língua de Sinais Holandesa, entre outras)¹ e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) que inclui entre as categorias de línguas, as línguas de sinais.

O INDL é um instrumento de reconhecimento das línguas como patrimônio cultural, por meio da identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O objetivo é mapear, caracterizar, diagnosticar e dar visibilidade às diferentes situações relacionadas à pluralidade linguística brasileira, permitindo que as mais de 200 línguas faladas em território nacional sejam objeto de políticas patrimoniais que colaborem para sua continuidade e valorização. (Portal do IPHAN <http://portal.iphan.gov.br/> consultado em 20 de março de 2015)

As línguas de sinais brasileiras entram dentro desta proposta e passam a configurar as políticas linguísticas no âmbito do IPHAN, no Ministério da Cultura, além de fazer parte de linhas de fomento de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). A Libras, portanto, passa a figurar dentro de uma política mais abrangente em relação às línguas do país, por meio de sua documentação.

O Inventário Nacional de Libras² tem como objetivo constituir um corpus da libras abrangente e consistente, bem como sistematizar os procedimentos de registro, documentação e recuperação de dados e meta-dados relativos a Libras. Além disso, especificamente, objetiva a difusão, visibilidade, valorização e instrumentalização de políticas linguísticas relacionados a essa língua.

O Inventário Nacional de Libras apresenta várias frentes de documentação:

- 1 Federação Mundial de Surdos <http://wfdeaf.org/human-rights>; AUSLAN - <http://www.auslan.org.au/about/corpus/>; BSL <http://www.bsllcorpusproject.org/>; DGSf - <http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgs-korpus/>; DSL - <http://www.ru.nl/slcn/>
- 2 Projeto Inventário Nacional de Libras: pesquisadores responsáveis Ronice Müller de Quadros e Tarcísio de Arantes Leite, encaminhado ao IPHAN em 2013. Em 2014, outra versão do projeto é aprovada pelo IPHAN, por meio de uma parceria do IPOL com a UFSC, com o objetivo de realizar um levantamento demográfico e a organização de um corpus representativo com base nos materiais produzidos no ambiente virtual de ensino do Letras Libras 2006 e 2008.

- a) Inventário de Libras de Santa Catarina Grande Florianópolis³ – este inventário compreende um corpus de libras e o levantamento demográfico dos usos dessa língua na região. (Pesquisadora responsável Ronice Müller de Quadros).
- b) Antologia de Poesias em Libras – este inventário compreende o corpus de produções poéticas em Libras (Pesquisadora responsável Fernanda de Araújo Machado).
- c) Libras Acadêmico – este inventário inclui um levantamento das produções de textos acadêmicos em libras no escopo do Curso de Letras Libras 2006 e 2009 que compreende 15 estados brasileiros (Pesquisador responsável Tarcísio de Arantes Leite).
- d) Glossários terminológicos em Libras e Português – este inventário inclui glossários de diferentes áreas de conhecimento disponibilizados por meio de um programa desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (Pesquisadora responsável Marianne Rossi Stumpf) (ver Stumpf, Oliveira e Miranda, 2014).

A seguir, apresentar-se-á o desenvolvimento do Inventário de Libras de Santa Catarina da Região Metropolitana de Florianópolis que está em andamento desde 2014 e já apresenta uma série de procedimentos sistematizados.

INVENTÁRIO DE LIBRAS DE SANTA CATARINA DA REGIÃO METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS

INTRODUÇÃO

O Inventário da Libras do Estado de Santa Catarina da Região Metropolitana de Florianópolis objetiva iniciar a composição do Corpus de Libras, por meio de um inventário da língua brasileira de sinais (Libras) usada nessa região do país. O inventário da Libras se constitui um instrumento de identificação, reconhecimento, valorização e promoção da língua brasileira

3 O Inventário de Libras de Santa Catarina, Grande Florianópolis conta com financiamento do CNPQ Processos 471355/2013-5 e 303725/2013-3. Também conta com financiamento para o levantamento demográfico na Grande Florianópolis e em mais sete capitais brasileiras, no escopo do INDL do IPHAN, Ministério da Cultura 2014-2016.

de sinais no contexto do Inventário Nacional da Diversidade Linguística, do Departamento do Patrimônio Imaterial/IPHAN.

O campo de estudo de línguas de sinais cresceu significativamente na última década, ganhando relevância tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito social. Apesar dessa relevância, estudos linguísticos baseados na Libras⁴ ainda carecem de uma maior fundamentação empírica, em parte devido aos grandes desafios que o registro e a manipulação de dados de uma língua sinalizada impõem ao pesquisador. Contribuindo para a reversão deste quadro, a proposta de constituição do Inventário Nacional da Libras, que seja abrangente e consistente, que apresente uma sistematização dos procedimentos de registro, documentação e recuperação de dados e metadados relativos à Libras torna-se fundamental.

O inventário de Libras do Estado de Santa Catarina da Região Metropolitana de Florianópolis é um piloto do Inventário Nacional de Libras que servirá de referência aos demais estados. O inventário abrange componentes linguísticos, socioculturais e políticos da Libras na comunidade de surdos, objetivando atingir as seguintes metas:

- a) um corpus de Libras representativo da região metropolitana de Florianópolis/SC, envolvendo registros em vídeo de situações eliciadas e espontâneas de uso, para ser utilizado em pesquisas e em outras finalidades aplicadas;
- b) um conjunto de diretrizes para o registro e arquivamento de dados e metadados relativos ao uso da libras a ser replicado em outros estados;
- c) uma página online para acesso aos dados e metadados do inventário já concebido no sentido de incorporar dados de outros estados.

No escopo do Inventário de Libras de Santa Catarina Região Metropolitana de Florianópolis, a pesquisa iniciou a constituição do inventário da Libras com um corpus que representa os usos dessa região. A constituição do corpus de Libras a partir de Florianópolis está se dando, uma vez que a equipe envolvida no projeto do Inventário de Libras, envolve pesquisadores da UFSC. A definição dos instrumentos e do detalhamento do formato do

4 São inúmeras as formas de referência à língua falada pelos surdos brasileiros. Neste trabalho, optamos por fazer uso da forma como essa língua foi oficialmente designada na Lei de Libras, n. 10.435, e no decreto n. 5626, que a regulamentou em 2005.

Corpus de Libras estão sendo estabelecidos nesta primeira etapa, compondo a primeira amostra de dados do corpus integrante do Inventário Nacional de Libras com a perspectiva de constituição de um projeto nacional. Iniciamos, portanto, com um estado de SC e depois estaremos replicando-o para os demais estados, contando com pesquisadores e colaboradores locais vinculados a outras universidades do país.

PARTICIPANTES

Os dados do Inventário de Libras de Santa Catarina Região Metropolitana de Florianópolis compreendem diferentes usos da Libras de 36 participantes surdos (três grupos divididos por idade e gênero). A identificação destes surdos foi feita por dois surdos locais, Deonísio Schmitt e Juliana Lohn, ambos professores da UFSC. Deonísio e Juliana se enquadram no perfil dos pesquisadores colaboradores surdos previstos no Inventário Nacional de Libras, ou seja, são surdos nascidos na região ou residem e convivem com a comunidade surda local por no mínimo 10 anos; são pessoas extrovertidas e articuladas, além de terem experiência acadêmica em nível de graduação e pós-graduação; são pessoas com conhecimento tecnológico básico para as finalidades do projeto e com facilidade de acesso diário a computador e internet.

Os dois pesquisadores assistentes localizaram os participantes da pesquisa observando os seguintes critérios: (a) ser natos do estado em que residem, ou residir nesses estados por pelo menos 10 anos; (b) ter adquirido a libras em idade pré-escolar (até 7 anos de idade), ou no mínimo por mais de 7 anos (tempo de exposição à língua), ou com proficiência notória na comunidade; (c) a dupla deverá ser formada por pessoas íntimas entre si (amigos ou parentes), preferencialmente do mesmo gênero e faixa etária. Além disso, é importante que, dentre as 18 duplas a serem entrevistadas, o pesquisador local busque selecionar duplas com perfis variados, considerando critérios tais como: (d) surdos que representem aproximadamente 3 diferentes gerações, incluindo jovens (até 29 anos), adultos (entre 30 e 49 anos) e idosos (a partir de 50 anos); (e) surdos homens e mulheres; (f) surdos com diferentes graus de escolarização (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior completo).

INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A coleta de dados com os participantes foi realizada em duplas. Cada dupla interagia por aproximadamente três horas com atividades propostas pelos pesquisadores assistentes. Essas atividades foram organizadas para a sua visualização em um computador individual por participante. Dependendo do material usado, somente um dos participantes visualizava as tarefas. As entrevistas com as duplas foram compostas pelas seguintes etapas:

- a) apresentação por escrito e em vídeo do termo de consentimento (Vídeo em Libras do Termo de Consentimento: <https://www.youtube.com/watch?v=7WZpsP-znbk>;
- b) atividade de descontração e entrevista de vida (20-30 minutos com cada participante): por meio de uma entrevista semi-estruturada e semi-aberta, o pesquisador elicia do informante relatos pessoais, envolvendo questões tais como: a história do seu sinal, a sua história de aquisição da libras e de participação na vida da comunidade surda local, a sua relação com a língua portuguesa e a libras em termos de usos e atitudes, o(s) acontecimento(s) de maior impacto em sua vida particular, e suas aspirações pessoais e profissionais;
- c) atividade de eliciação de narrativas (20-30 minutos para cada narrativa): o participante recontou duas narrativas apresentadas em formato de vídeo e uma história em sequência, dentre as quais duas já foram utilizadas em diversos estudos linguísticos e, portanto, poderão ser utilizadas em pesquisas comparativas com outras línguas orais e línguas de sinais: a *Pear Story*; a *Frog: where are you?* As outras histórias envolvem um vídeo do *Tom e Jerry* que faz parte do Instrumento de Avaliação de Língua de Sinais de Quadros e Cruz (2011) que conta com uma tabela de análise já pré-definida pelas autoras e também poderá ser usada em estudos futuros com os dados coletados no âmbito do Inventário; além de um vídeo do Charles Chaplin e outro do Mr. Bean. Estas narrativas estão divididas entre os dois participantes, sendo que um deles assiste e conta para o outro o que assistiu (visualizou).
- d) Conversação a partir de temas específicos (20-30 minutos): a dupla visualiza um tema e conversa sobre o mesmo, por exemplo, sobre as Associações de Surdos da Região Metropolitana de Florianópolis.

- e) Conversação livre (10 minutos): a dupla é deixada a sós no estúdio para conversar, ou de forma livre ou sobre um tema do cotidiano a ser oferecido pelo pesquisador como estratégia de estímulo.
- f) Vocabulário (20-30 minutos): cada participantes nomeia cada figura que está organizada por grupos semânticos.

As entrevistas foram desenvolvidas de modo a garantir o registro de expressões culturais verbais, amostras de palavras e elementos gramaticais, vocabulário específico à realidade cultural de cada região, empréstimos, frases ilustrativas de elementos da gramática, demonstração de variedades dialetais e elementos que singularizam a língua tipologicamente dentro da região.

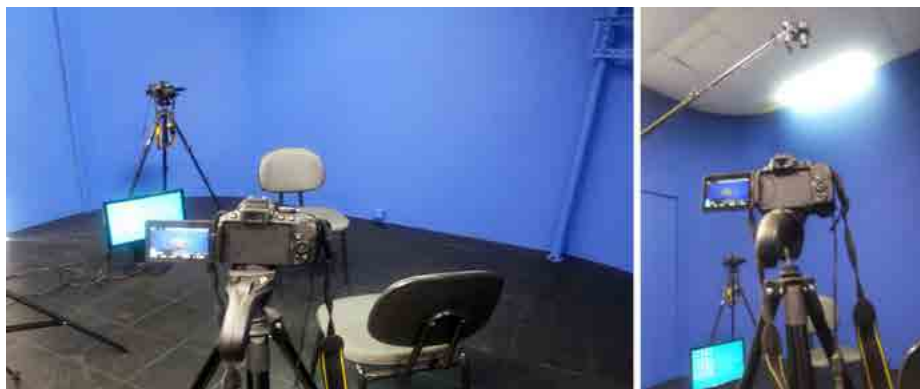
COLETA DE DADOS

Para as filmagens, foi montado um estúdio na Universidade Federal de Santa Catarina. A equipe de coleta de dados envolveu dois pesquisadores assistentes surdos locais, Deonísio Schmitt e Juliana Lohn e um técnico, Roberto Vargas Dutra. Os pesquisadores assistentes conduziram todas etapas da entrevista, enquanto ao técnico coube a tarefa de preparação do estúdio, bem como supervisão técnica de todo o processo de gravação e arquivamento no local.

O estúdio conta com quatro filmadoras para captar os informantes em diferentes tomadas, o que se faz necessário para uma análise minuciosa dos articuladores manuais e não-manuais em contextos conversacionais (Leite, 2008). Cada participante tem acesso a um notebook, onde assiste aos estímulos que servirão de base para a sua produção, e os pesquisadores assistentes dispõem de mais dois notebooks para manipulação dos estímulos e registro de informações pertinentes às sessões de gravação comandando cada notebook de cada participante. A sala recebeu pintura nas duas paredes de fundo e no piso em tons de azul. As cadeiras devem ser estáveis e não terem rodinhas para que os participantes fiquem fixos no local das filmagens.

As câmeras foram posicionadas de acordo com configurações espaciais previamente testadas e planejadas, conforme ilustrado nas fotos a seguir:

Figura 1: Posições das quatro câmeras



O resultado das filmagens nas quatro tomadas é o seguinte:

Figura 2: Tomadas das entrevistas



Estas quatro tomadas garantem a visualização mais precisa dos sinais produzidos com as mãos, com a face e com o corpo. Além disso, permitem analisar de forma mais acurada a localização espacial de cada sinal produzido. A localização espacial é utilizada para estabelecer os referentes do discurso, bem como para estabelecer relações gramaticais e temporais (Quadros e Karnopp, 2004; Liddell, 2003). A visualização das quatro tomadas também facilitam o processo de anotações e transcrições dos dados.

TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

A transcrição dos dados está sendo feita por meio de um sistema de anotação, chamado Eudico ELAN, uma ferramenta de anotação multimídia desenvolvida pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck⁵. O software permite a criação, edição, visualização e busca de anotações através de dados de vídeo e áudio, e criação de ‘trilhas’ para registro e análises específicas nas duas modalidades de línguas. As convenções para transcrição foram estabelecidas pelo grupo de pesquisa por meio de um manual.

O documento do ELAN permite a inserção das quatro tomadas dos vídeos permitindo uma visualização mais completa dos dados.

Figura 3: Tela de um documento do ELAN com as quatro tomadas de uma entrevista



A transcrição é um processo que demanda um grande investimento de tempo e dedicação, particularmente nas pesquisas com línguas de sinais, que não possuem um sistema de escrita convencional e plenamente adaptado ao computador. Uma estimativa geral relatada em projetos de pesquisa com línguas de sinais é a de uma hora de trabalho de transcrição para cada minuto de gravação.⁶ Por esse motivo, e considerando as restrições tem-

⁵ Informações e download do software em: <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>.

⁶ <http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/intersign/workshop4/baker/baker.html>. Acesso em: 30-06-2012.

porais do Inventário da Região Metropolitana de Florianópolis foi iniciada a primeira etapa de transcrição do trabalho, envolvendo parte dos dados coletados (em torno de 10-12 horas). Em 2014-2015 estamos com quatro bolsistas transcritores de iniciação científica: Marcos Marquioto (CNPQ), Bianca Gomes (CNPQ), Edinata Camargo (voluntário) e Harrison Adams (voluntário).

Nessa primeira etapa, o foco está no desenvolvimento de convenções e critérios para essa transcrição a partir de amostras dos dados que possam caracterizar elementos do inventário de língua de sinais. Todas as transcrições necessitam passar por um processo de validação. Para isso, membros do projeto com experiência em transcrição realizam uma segunda transcrição em amostras estatisticamente significativas dos dados coletados em outros estados, com fins de comparação com as transcrições originais. Esse processo deve ser realizado periodicamente a fim de avaliar o processo de transcrição e introduzir ajustes quando necessário.

O IDENTIFICADOR DE SINAIS

Os transcritores recorrem ao Identificador de Sinais – ID – para buscar os identificadores (nomes) dos sinais. Ao usarmos os identificadores de sinais em nossas transcrições, passamos a ter condições de torná-las mais eficientes, devido aos sistemas de buscas existentes no sistema de transcrição que usamos (Eudico Annotator – ELAN). Isso tem facilitado imensamente as pesquisas em andamento, bem como, projetos futuros que envolvam análises de produção em sinais. O Identificador de Sinais está disponível de forma aberta e gratuita para todos os interessados em utilizá-lo e alimentá-lo como fonte de pesquisa na página <http://www.idsinais.libras.ufsc.br>.

O ID é uma ferramenta que disponibiliza os nomes dados aos sinais para as glosas utilizados nos sistemas de transcrição, bem como a respectiva escrita deste sinal utilizando a escrita de sinais. O grupo de pesquisadores se reúne e debate sobre os sinais que surgem nos vídeos que estão sendo descritos e “batiza” os sinais. Esses sinais são imediatamente incorporados no sistema de identificadores de sinais. O Identificador de Sinais é sistematicamente alimentado pelos transcritores, na medida que se deparam com sinais que ainda não foram identificados.

Ao usarmos um sistema computadorizado, o sistema de busca de fenômenos linguísticos está se tornando muito mais eficiente diante

de nomes dados aos sinais de forma mais consistente. Portanto, o ID representa uma forma de dar consistência às glosas (nomes) usadas para cada sinal, facilitando, dessa forma, as investigações do Inventário de Libras, bem como de outras pesquisas com a Libras.

ORGANIZAÇÃO DOS DADOS E METADADOS⁷

O apoio técnico Roberto Vargas Dutra (CNPQ) e a bolsista de iniciação científica Miriam Royer (CNPQ) participaram da organização dos dados e metadados do Inventário de Libras de Santa Catarina Região Metropolitana de Florianópolis.

Todos os dados coletados são armazenados em no mínimo três versões: uma em servidor específico do corpus de Libras; uma em HD externo sob guarda do coordenador do projeto; e uma em disco rígido de backup do Núcleo de Pesquisa do Corpus de Libras.

Os dados estão organizados em planilhas por grupo e por dupla. Na dupla indicada, acessamos todos os vídeos associados a ela por meio de uma segunda planilha. A lista compreende os vídeos da tomada 1, 2, 3 e 4 para cada atividade desenvolvida. O grupo definiu que cada vídeo deve ser nomeado indicando a cidade, o grupo, a dupla, a atividade, a tomada do vídeo:

NOME DO ARQUIVO cidade_grupoX_duplaX_títulos_tema_videoX

FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO1

FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO2

FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO3

FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO4

Estes são os nomes dos arquivos dos dados de Florianópolis (FLN), do Grupo 1 (G1), da dupla 1 (D1), da atividade da primeira entrevista que foi realizada com um dos participantes da dupla 1 (1entrevista), tomadas 1, 2, 3 e 4 (VIDEO1, VIDEO2, VIDEO3 e VIDEO4). Estes arquivos vão estar associados com os vídeos (.mp4) e com os arquivos do ELAN (.eaf). Todas atividades estarão associadas com quatro arquivos de vídeo e um arquivo.eaf que compreenderá a transcrição dos dois participantes e a tradução dos enunciados para a Língua Portuguesa.

7 Em 2013, tivemos um recurso da CAPES para começar a organizar os materiais produzidos pelos alunos dos Cursos de Letras Libras – Licenciatura e Bacharelado – de 2006 e 2008. Neste ano, iniciou-se a sistematização da metodologia que inspirou a organização dos dados do Inventário de Libras da Região Metropolitana de Florianópolis.

Figura 4: Planilha dos grupos 1, 2 e 3 associados com as duplas de 1 a 6

	A	B	C	D	E	F	G
		DUPLA 1	DUPLA 2	DUPLA 3	DUPLA 4	DUPLA 5	DUPLA 6
GRUPO 1 (até 29 anos)		grupo1/dupla1	grupo1/dupla2	grupo1/dupla3	grupo1/dupla4	grupo1/dupla5	grupo1/dupla6
GRUPO 2 (30 até 49 anos)		grupo2/dupla1	grupo2/dupla2	grupo2/dupla3	grupo2/dupla4	grupo2/dupla5	grupo2/dupla6
GRUPO 3 (acima 50 anos)		grupo3/dupla1	grupo3/dupla2	grupo3/dupla3	grupo3/dupla4	grupo3/dupla5	grupo3/dupla6

Figura 5: Planilha com a lista do grupo por dupla associadas aos arquivos de vídeo

A COLETA DE DADOS EM ENTREVISTA: 28/08/2014	
GRUPO 1 - DUPLA 1	VÍDEOS
ADADOR P/ MEGA e DATA COLETA DE DADOS E	cidade_dupla1_entrevista_video
PRONTO (04/09/2014)	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO1.MP4
PRONTO (08/09/2014)	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO2.MP4
PRONTO (08/09/2014)	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO3.MP4
PRONTO (04/09/2014)	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO4.MP4
PRONTO (08/09/2014)	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO1.MP4
PRONTO (08/09/2014)	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO2.MP4
PRONTO (08/09/2014)	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO3.MP4
PRONTO (08/09/2014)	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO4.MP4

NOME PARTICIPANTE	TRANSCRIÇÕES	TRANSCRIÇÃO
NOME PARTICIPANTE	VÍDEO TRANSCRITO	TRANSCRIÇÃO
JULIANA E NICOLY	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO1.EAF	edinata
JULIANA	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO2.EAF	edinata
NICOLY	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO3.EAF	edinata
JULIANA E NICOLY	FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO4.EAF	edinata
JULIANA E KARINE	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO1.EAF	Marquioto
JULIANA	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO2.EAF	Marquioto
KARINE	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO3.EAF	Marquioto
JULIANA E KARINE	FLN_G1_D1_2entrevista_VIDEO4.EAF	Marquioto

Todos os arquivos das tomadas 1, 2, 3 e 4 são sincronizados utilizando-se o Programa Adobe Premiere Pro CC e Adobe Media Encoder CS5. Para facilitar a sincronização das quatro tomadas de vídeos, um dos pesquisadores assistentes inicializa as câmeras e bate-palma para dar início a cada atividade. Os vídeos são baixados no programa que possibilita a visualização do ruído da palma que permite o alinhamento pela pesquisadora Miriam Royer, mesmo sendo surda, pois a informação do ruído se apresenta na forma visual.

INVENTÁRIO NACIONAL DA LIBRAS

A partir do Inventário de Libras de Santa Catarina da Região Metropolitana de Florianópolis, o objetivo é replicar este estudo em outros estados do Brasil. Precisamos assegurar que os dados sejam coletados e organizados da mesma forma para garantirmos a possibilidade de compará-los entre si indicando possivelmente diferenças e variações da Libras. Independente desse fim, os procedimentos criados no escopo do Inventário de Libras do Estado de Santa Catarina da Região Metropolitana podem servir de referência para constituição de outros projetos que envolva a coleta de dados de línguas de sinais não diretamente relacionados com o Inventário de Libras de cada cidade.

A replicação do Inventário de Libras já está acontecendo em dois locais do Brasil: Alagoas, Região Metropolitana de Maceió, na Universidade Federal de Alagoas, sob a coordenação do Jair Silva, com financiamento do CNPQ e no Distrito Federal, em Brasília, na Escola Pública Integral Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga, por meio de Projeto de Extensão, coordenado pelo Professor Messias Ramos Costa, da Universidade de Brasília, com o apoio da Professora Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, da Secretaria de Educação do Distrito Federal, com patrocínio inicial da Secretaria de Cultura do Distrito Federal.

SOCIALIZAÇÃO

A difusão da Libras envolve a socialização de todas as ações que envolvem esta língua no país. A UFSC criou o Portal de Libras que incluirá várias fontes de informação sobre a libras, entre elas, os glossários e o Corpus da Libras, incluindo todos os materiais compreendidos no Inventário Nacional de Libras. A socialização é fundamental, pois além de garantir a difusão da Libras, dá visibilidade e é um instrumento de políticas linguísticas de status, de corpus, de aquisição e de atitude. Ou seja, além de estarmos realizando o registro da Libras por meio de sua documentação, estamos valorizando esta língua, disseminando-a e tornando-a mais empoderada. Também, a socialização permitirá o acesso a diferentes formas de registro para fins de aquisição, ou seja, o ensino da Libras como L1 para surdos e como L2 para ouvintes. Todos estes materiais acabam tendo um impacto na relação das pessoas com a língua, implicando em mudança de atitudes em relação a

língua, um dos objetivos mais específicos do Inventário Nacional de Libras. O Portal de Libras está disponível em www.libras.ufsc.br

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As políticas linguísticas em relação à Libras contam com um planejamento linguístico alavancado pelo Decreto 5.626/2005. Com a criação dos Cursos de Letras Libras e a formação de mestres e doutores surdos iniciamos a implementação da documentação da Libras. Esse planejamento foi ainda fortalecido pelo INDL e CNPQ que estão financiando a constituição do Inventário Nacional de Libras. A documentação da Libras foi iniciada em 2013 e continua em andamento. Nos próximos anos, será encorpada com dados do país inteiro em um projeto coletivo, envolvendo pesquisadores surdos, pesquisadores bilíngues, instituições de fomento à pesquisa, órgãos governamentais e não governamentais. Essas parcerias viabilizarão a documentação da Libras no país que será amplamente socializada. Com isso, estaremos concretizando uma política linguística a partir das diferenças culturais e linguísticas.

REFERÊNCIAS

- Brito, L. F. (1995) *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Calvet, L-J. (2007) *As políticas linguísticas*. Parábola Editorial.
- Campello, A. R. S. (2011). A constituição histórica da língua de sinais brasileira: Século XVIII a XXI. *Revista Mundo & Letras*, v. 2, São Paulo: José Bonifácio.
- Kaplan, R., & Baldauf, R. (1997). *Language planning: From practice to theory*. Clevedon, England: Multilingual Matters.
- Lacerda, C. B. F. de. (2009). *O intérprete de língua brasileira de sinais: Investigando aspectos de sua atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- Leite, T. de A. e Quadros, R. M. de. (2014) Línguas de sinais do Brasil: Reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. Em *Estudos da Língua de Sinais*. Volume II. Editora Insular.
- Leite, T. de A. (2008) *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Liddell, S. (2003) *Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language*. Cambridge University Press.

Pedroso, R. M. C. (2014) A estrutura narrativa de professores-intérpretes de libras em escolas de ensino básico. Dissertação de Mestrado em Linguística. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina.

Portal do IPHAN <http://portal.iphan.gov.br/> consultado em 20 de março de 2015: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=16660&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia> .

Quadros, R. M. de (1995) *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LSB e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre.

Quadros, R. M. de (1997) *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Artes Médicas. Porto Alegre.

Quadros, R. M. de (1999) *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre.

Quadros, R. M. de e Karnopp, L. (2004) *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Artes Médicas. Porto Alegre.

Quadros, R. M. de; Strobel, K. and Masutti, M. L. (2014) Deaf Gains in Brazil: Linguistic Policies and Network Establishment. In H-Dirksen L. Bauman and Joseph J. Murray (editors) *Deaf Gain: Raising the Stakes for Human Diversity*. University of Minnesota Press. Minneapolis. London.

Quadros, R. M. de; Szeremeta, J. F.; Costa, E.; Ferraro, M. L.; Furtado, O. e Silva, J. C. (2009) *Exame ProLibras*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

Quadros, R. M. de e Cruz, C. (2011) *Línguas de Sinais: Instrumentos de Avaliação*. Editora ArtMed. Porto Alegre.

Stokoe (1960) Sign language structure: An outline of the communication systems of the American deaf. **Studies in Linguistics: Occasional Papers**, v. 8. Buffalo, NY: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo.

Strobel, K. (2008) *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC.

Stumpf, M.; Oliveira, J. e Miranda, R. D. (2014) Glossário Letras Libras, trajetória dos sinalários no curso L como os sinais passam a existir. Em Quadros, R. M. De (org.) *Letras Libras: Ontem, Hoje e Amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC.